

**Pastores do progresso e dos homens sem fé:
a ação jesuíta na Capitania do Rio Grande sob a ótica de Câmara Cascudo**

Bruna Rafaela de Lima *

Os escritos de Câmara Cascudo sobre a atuação dos jesuítas em terras potiguares, é preciso ressaltar, obedeceram aos interesses da elite intelectualizada que integrava o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, e foi justamente desse lugar institucional que provieram alguns de seus mais representativos escritos sobre a temática. A elite potiguar a que nos referimos formou-se, em sua maioria, dentro da tradição e do modelo conservador da Igreja católica, razão pela qual a fé e a moral difundidas pelos jesuítas inspiravam homens – como Cascudo – a escreverem sobre as ações desses religiosos.

Estas razões, com certeza, determinaram as representações¹ cascudianas dos jesuítas e levaram o homem de fé e historiador católico a enfatizar a ação “heróica” dos padres da Companhia de Jesus:

A conquista pela espada seria consolidada pela catequese dos espíritos. Mosquetes, canhões, lanças, espadas e pelouros nada fariam. Vencido recuava o indígena como uma onda e voltaria mais forte, quebrando-se nas muralhas da pedra do ‘Reis Magos’. O processo era embainhar a espada e dar a palavra ao padre. É a vez dos jesuítas no futuro do Rio Grande do Norte. Padre Francisco Pinto conquista o tuixáua dos Potiguares, o Camarão-Grande, Potiguassú. O padre Gaspar de Samperes percorre, num largo círculo, o próximo distrito, arrebanhando os chefes para as pazes. Tudo se apazigua (CASCUDO, 1947: 21).

Em alguns de seus escritos, também encontramos passagens bastante reveladoras da visão de Cascudo sobre os indígenas. Referindo-se à primeira solenidade celebrada – com ar de festividade e certa organização e que teria ocorrido em Salvador, durante a procissão do corpo de Deus –, Cascudo informa que para atrair os índios e instruir os colonos, os jesuítas teriam adotado e propagado esse ato devocional conferindo-lhe caráter penitencial (CASCUDO, 1972):

Não conheciam Deus. Era o depoimento unânime dos cronistas. Nem uma fé têm, nem a adoram a Deus algum (frei Vicente do Salvador). Esta gentildade nenhuma coisa adora, nem conhecem Deus (Padre Manuel da Nóbrega). Além de não revelarem conhecimento nenhum do verdadeiro Deus, não adoram nem confessam deuses falsos, celestiais ou terrestres (Jean de Léry). Nenhuma criatura adoram por Deus (Padre Anchieta). Este gentio não tem conhecimento algum de seu Criador,

* Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

¹ Valemo-nos do conceito de *representação* de Roger Chartier: “As representações do mundo social assim construídas, [...] são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”. CHARTIER, Roger. **A História cultural**: entre praticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 17.

nem de coisa do céu (Padre Fernão Cardim). Não adoram coisa alguma (Pero de Magalhães Gandavo). Não tinham espécie alguma de religião (Cláudio d'Abbeville). Sem fé, sem lei, sem religião (André Thevet) (CASCUDO: 1976, 54).

Perseguindo nosso objetivo, o primeiro artigo que analisamos, *As Lendas de Extremôz*, foi redigido entre os anos de 1935-1937 e publicado na Revista do IHGRN em 1940. Nele, Cascudo trata da Vila de Extremôz, primeira vila da Capitania do Rio Grande e antigo aldeamento de São Miguel de Guagirú, contemplando o período que se estende de fins do século XVII, quando se criou o aldeamento, até o final do século XVIII.

Cabe ressaltar que à época da escrita e da publicação do artigo referido acima, Câmara Cascudo era sócio efetivo do IHGRN, além de redator da Revista na qual o artigo foi publicado. Esta informação é relevante para a análise que propomos, uma vez que reafirma a importância do lugar ocupado pelo autor, como bem observado por Michel de Certeau ao apontar para o condicionamento da pesquisa histórica ao lugar institucional (CERTAU, 2002). Mais uma vez, Cascudo enfatiza a importância dos missionários jesuítas para a conquista e a colonização da Capitania do Rio Grande, ressaltando a sua missão evangelizadora: “[...] Guagirú era um aldeamento. Quer dizer que se compunha de algumas famílias, entregues à agricultura, presididas por um sacerdote. Em Guagirú, no aldeamento de São Miguel, **era um jesuíta o pastor dos homens.** [...]”² (CASCUDO, 1940A: 87). (grifo nosso).

Ao apresentar os jesuítas como “pastor [es] de homens”, Cascudo evidencia não apenas a sua visão sobre o trabalho evangelizador desenvolvido pelos missionários durante o período colonial, como expressa a sua percepção sobre a função primordial de um religioso: a de guiar os homens nos princípios e na moral católica.

Nesse artigo, Câmara Cascudo, além de apresentar as muitas lendas ligadas à história da Vila de Extremôz, atribui aos jesuítas a manutenção e a criação de algumas delas. O historiador potiguar inicia o artigo informando que coube aos padres da Companhia, que dirigiam o aldeamento Guagirú, posteriormente transformado em Vila de Extremôz, a construção das igrejas do lugar. Reproduzindo as lendas que se criaram em torno dessas igrejas, Cascudo informou que todas elas possuíam subterrâneos que levavam a um lugar secreto, no qual eram guardados os “tesouros dos jesuítas”: “Era destino do jesuíta esconder dinheiro, alfaias, armas e jóias. **Onde ele andou semeando a sabedoria da moral, do**

² Percebe-se nessa passagem a importância que Cascudo dá à ação missional e civilizadora desempenhada pelos jesuítas, visão que nos parece decorrer tanto de sua identificação e adesão ao modelo historiográfico em vigor no período, quanto de sua fé - seu catolicismo - e de sua identificação com a atuação da Igreja católica no Rio Grande do Norte.

trabalho, as lendas do trabalho foram também semeadas” (CASCUDO, 1940A: 86). (grifo nosso).

Em outro momento do artigo, Cascudo volta a destacar o papel de civilizador desempenhado pelo missionário jesuíta, responsável pelo treinamento dos indígenas para o trabalho e pelas construções das igrejas nos aldeamentos:

*Depois da guerra dos índios é que se deu o aldeamento Guagirú. [...] Depois a redução cresceu... A cidade do Natal estava perto. Os terrenos eram férteis. A indiada ajudava também. **O jesuíta a tudo olhava e chegava a tempo para ensinar trabalho doméstico às cunhãs desocupadas.** A Igreja deve ser dos fins de XVIII, ou princípios, como é mais provável, do século XVIII. Era um barroco jesuítico. [...] As três portas e três janelas, com ornatos escuros e típicos, **lembram o punho inegualável [sic] e fino do jesuíta construtor,** em toda plenitude do seu estilo despido e impressionante. **Ele conservava a aridês e austeridade de Loiola** (CASCUDO, 1940A: 88). (grifo nosso).*

Revelando uma visão extremamente positiva dos tempos em que os jesuítas administravam os aldeamentos, Cascudo contrapõe a pobreza de Extremôz, no século XX, à riqueza que os jesuítas teriam acumulado no período colonial. Embora demonstre uma certa perplexidade diante das informações que dão conta do “grande tesouro” acumulado pelos jesuítas – apesar das terras pobres, da “vida primitiva” e do inexpressivo número de padres –, Cascudo não deixa de expressar sua verdadeira admiração diante da “projeção dos inacianos” junto à população e das demonstrações heróicas de fé e caridade dos missionários, parecendo considerá-las como o maior tesouro que teriam conseguido efetivamente reunir:

[...] Extremôz continua sem história, silenciosa, pequenina, ignorada, sem lances heróicos que não fossem os da fé e sem maiores trabalhos afora os da caridade e do rythmo (sic) moral que o jesuíta imprimia como uma projecção (sic) de sua presença. Nesse ambiente, terra pobre, meia dúzia de padres (não há informes sobre o número) famílias indígenas, trabalhadores ruraes (sic), raro homem branco, vida primitiva e serena, pautada pela oração e pelo hábito das madrugadas e dos somnos (sic) ao cahir (sic) da noite, o jesuíta juntou um thesouro (sic). Um grande thesouro (sic) que inda (sic) faísca e deslumbra toda diversidade de gente. Como teria o jesuíta arranjado tanto ouro? E para que, Santo Deus? (CASCUDO, 1940A: 89).

Ao escrever sobre o período da conquista e colonização do Rio Grande do Norte, como foi demonstrado, Câmara Cascudo enfatizou o papel civilizador dos missionários jesuítas, inspirando-se e valendo-se, sobretudo, da produção (LEITE, 1945) do Pe. jesuíta

Serafim Leite ³. As consultas a essa produção ficam evidentes – dentre as muitas que podemos referir – numa passagem do primeiro capítulo de seu livro *História da Cidade do Natal*, aquele que o consagrou como historiador, no qual Cascudo refere explicitamente a Serafim Leite, a propósito da controvérsia em torno da data da chegada dos portugueses à região: “A esquadra entrou a barra do rio Potengi em dia discutido ainda. O Pe. Serafim Leite, S. I, divulgou o 25 de dezembro de 1597” (CASCUDO, 1947: 18).

Esta *reverência* a Serafim Leite não impediu que Cascudo atualizasse algumas informações sobre a Capitania do Rio Grande, outrora divulgadas pelo historiador jesuíta. Em um exemplar original da obra de Serafim Leite – que encontramos na biblioteca do Memorial Câmara Cascudo –, deparamo-nos com um pequeno texto – escrito à mão por Cascudo – ao final do capítulo III do livro III, que trata das antigas aldeias jesuíticas de Guajuru e Guaraíras⁴.

Na conclusão do capítulo, Serafim Leite informa:

O exílio dos Padres destas duas Aldeias não se fez (sic) sem protestos e lágrimas de Índios e Brancos, que de Guajuru os vieram acompanhar por espaço de duas milhas até a Cidade. [...] Episódio apenas significativo, conclui Francisco da Silveira, do amor e reverência dos nacionais do Brasil para com os seus benfeitores de quem assim os privavam (LEITE, 1945: 535).

A este último parágrafo, Cascudo – valendo-se, com certeza, da sua condição de historiador oficial de Natal e das informações de que dispunha através de pesquisas realizadas –, acrescentou à mão: “O último diretor era o Pe. Alexandre de Carvalho, com o escolástico José Ferreira deixou a aldeia em junho de 1759. O Padre [M.] do Colégio de Recife. Embarcou em Bahia a 1-5-1760 com 52 companheiros para Lisboa”.

Cascudo também se referiu aos jesuítas em ocasiões solenes, como na sessão organizada pelo IHGRN, em 1940, por ocasião das comemorações do quarto centenário da fundação da Companhia de Jesus. De acordo com a Ata da sessão, publicada na Revista do IHGRN, o orador oficial do Instituto:

[...] produziu (sic) uma brilhante oração, pela qual historiou toda a obra patriótica e cristã (sic) dos discípulos de Inácio de Loiola. O orador demonstrou o heroísmo de Anchieta e continuando, disse que tivemos paginas maravilhosas nas epopéias da

³ Serafim Leite nasceu em Portugal, em 1890. Veio ao Brasil, ainda rapaz, aos 15 anos, quando entrou para a Companhia. Por indicação do Provincial, foi incumbido de escrever a “*História da Companhia de Jesus no Brasil*”, produzida entre 1938 e 1950. Morreu em 1969.

⁴ Trata-se, efetivamente, do capítulo II, *Fundação do Rio Grande do Norte*, e capítulo III, *Aldeias de Guaraíras e Guajuru* da obra de LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5, cap. 2-3, p. 504-535.

Catequese dos indígenas e que os nomes gloriosos de Nóbrega, José de Anchieta, Aspícueta Navarro e centenas de outros fazem parte integrante da própria civilização (sic) brasileira, como os mais decididos fatores de progresso, ao lado das forças colonizadoras (sic). Disse que o Rio Grande do Norte deve muito aos padres jesuítas. De um jesuíta é a planta da fortaleza dos Reis Magos e as vilas de Estremoz (sic) e Ares (sic), hoje cidades, foram aldeias entregues ao seu cuidadoso pastoreio espiritual. [...] (ATA, 1940:178-179). (grifo nosso).

O trecho que destacamos da Ata – “fazem parte integrante da própria civilização [sic] brasileira, como os mais decididos fatores de progresso, ao lado das forças colonizadoras [sic]” – expõe – de forma muito evidente – a visão que Cascudo – representando o IHGRN – tinha da Companhia de Jesus e do papel que havia desempenhado na Capitania do Rio Grande durante o período colonial. Os missionários jesuítas são apresentados como “decididos fatores de progresso” e responsáveis pela “própria civilização brasileira”, em consonância com a postura historiográfica da primeira metade do século XX (LIMA, 2006: 45-46), que tinha nos Institutos Históricos um espaço privilegiado para sua consagração e difusão.

Outros confrades, além de Cascudo, publicaram artigos enfocando a atuação da Companhia de Jesus na Revista do IHGRN, como Monsenhor Paulo Herôncio, que, em 1953, definiu os jesuítas como personagens essenciais para a conquista do território potiguar:

[...] É nesta alvorada de conquista da nossa terra que aparecem os primeiros jesuítas integrando-se na história da Capitania [...]. Ninguém melhor do que elês (sic) estava credenciado para os entendimentos de paz com os indígenas. [...] Foram os jesuítas que descortinaram o futuro da nossa terra, numa antevisão que o presente está a confirmar, insistindo no estabelecimento de Missões na Capitania, alegando ser o Rio Grande do Norte a “Chave do Brasil”. [...] Recolhendo com carinho os feitos do passado, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte presta, no jubileu áureo de sua fundação, comovida homenagem aos jesuítas que ajudaram a construir os alicerces da nossa nacionalidade (MELO, 1953: 47-48, 52).

Analisamos também uma *Acta Diurna* escrita por Cascudo em 1940, na qual ele se referiu especificamente a passagens da atuação jesuítica na Capitania do Rio Grande, a *Acta* foi intitulada: *PADRE GASPAR DE SAMPERES E OUTROS TEMAS JESUÍTICOS*. Nesse texto, Cascudo ressaltou mais uma vez a “essencial” participação dos padres jesuítas nos processos de conquista e colonização das terras potiguares e dos ensinamentos e práticas cristãs que difundiram:

A ‘Semana Santa’ de 1598 foi realizada durante as tarefas da Fortaleza. Os índios assaltavam sempre. Não havia segurança. Os dois Jesuítas temiam uma batalha e nela conspurcar-se a sagrada partícula. Mascarenhas Homem teimou em assistir uma ‘Semana Santa’ nessa solidão selvagem. Enquanto o Santíssimo Sacramento esteve encerrado, duzentos arcabuzeiros vigiavam, os capitães compareceram, arrastando as bandeiras, rojando ao chão os estandartes, em homenagem. Fez-se o

‘Ofício das Trevas’ e houve ‘Procissão’. A Cidade do Natal nasceria um ano depois... Regressando Mascarenhas Homem à Paraíba teriam os dois Jesuítas o acompanhado, sem que ficasse um deles no apascento do rebanho que surgia? Não é crível. O Padre Francisco de Lemos seguiu, mas Gaspar de Samperes ficou e parece ter sido a nossa primeira autoridade eclesiástica no Natal que ainda não se fundara (CASCUDO, 1940B:01).

Nessa *Acta*, Cascudo, novamente, reproduz a versão do historiador jesuíta Serafim Leite, como se pode constatar nesta passagem que deixa explícita a consulta às informações por ele divulgadas:

Ao lado de Manuel Mascarenhas Homem, Capitão-Mor de Pernambuco, comandante da expedição colonizadora do Rio Grande do Norte, vinham dois Jesuítas, os padres Francisco de Lemos, por superior, e Gaspar de Samperes ou São Peres. Quando aportaram as naus no estuário do rio Potengi, logo chamado Rio Grande? Uma ‘Relação’ inédita que o Padre Serafim Leite S. J. divulgou, informa: - ‘O Rio Grande está em cinco graus e meio de altura à parte do sul da linha equinocial. Entraram os Portugueses neste rio e terra para conquistar o ano de 97, a 25 de dezembro’. Sabemos agora ter sido os dois Jesuítas, Pinto e Samperes, os artífices das pazes entre Potiguares e Portugueses. O Padre Pinto, Francisco Pinto, o “Pai Pinto” dos indígenas, foi à serra da Cupaóba apaziguar a indiada submissa. Samperes conquistou Potiguassú, o Camarão Grande, Pai de Dom Antônio Felipe Camarão. Não lhe custou pouco, andando o Padre pelo sertão, subindo e descendo serras, comendo o que lhe davam, na esperança de serenar o ambiente. Em documento público, atestava Mascarenhas Homem que os Jesuítas haviam palmilhado cinqüenta léguas pelo interior, entrando em vinte e cinco aldeias bárbaras. [...] O sonho do Padre Francisco Pinto, sacrificado pelos Tocarijús em Ibiapaba, era uma “residência” jesuítica no Rio Grande do Norte. Mas o Padre Pero de Toledo, Reitor do Colégio de Pernambuco, contrariava, opinando que a casa se abriria se El-Rei a sustentasse. [...] E o Padre Gaspar de Samperes, construtor da Fortaleza e possivelmente quem escolheu o lugar para a fundação da Cidade do Natal? Sei apenas que a 24 de setembro de 1616 estava em Natal, dizendo aqui ‘residir’. Depois, infelizmente, perdi-o de vista e notícia... (CASCUDO, 1940B:01). (grifo nosso).

Da *Acta* em questão, depreende-se que as cartas escritas pelos jesuítas que atuaram na Capitania do Rio Grande foram a fonte primordialmente utilizada por Serafim Leite e que as informações por elas trazidas são utilizadas [e reproduzidas] – sem qualquer questionamento – por Cascudo:

O Provincial dos Jesuítas. Padre Pero Rodrigues, em carta de 19 de dezembro de 1599, aclara uma passagem escura, escrevendo que ‘E vindo-se o dito capitão para a Vila de Pernambuco, pediu aos ditos Padres quizessem ficar, como ficaram, assistindo na Fortaleza do Rio Grande’. Da Fortaleza seguiram para Cupaóba e vararam o deserto, em catequese (CASCUDO, 1940B:01).

Na seqüência, e perseguindo o mesmo objetivo, dedicamo-nos à análise do capítulo primeiro de seu livro *História do Rio Grande do Norte*⁵, concentrando nossa atenção – como vimos fazendo até o momento – nas referências feitas pelo historiador potiguar aos missionários jesuítas. Em várias passagens do livro, encontramos o jesuíta associado à catequese, pacificação, salvação, conversão, colonização e conquista, e a algumas características, tais como a de ter sido um pregador paciente e tenaz. Já os índios, aparecem descritos como insubmissos, indomáveis e selvagens.

No item IV, intitulado **A Expedição Colonizadora de Mascarenhas Homem. Construção do Forte dos Reis Magos**, o jesuíta é, mais uma vez, apresentado como alguém dotado de formação qualificada, o que teria sido fundamental para o êxito da conquista do território: “a planta (**do Forte**) é do Pe. Gaspar de Samperes que fora mestre nas traças de engenharia na Espanha e Flandres antes de entrar para a Companhia de Jesus” (CASCUDO, 1984:24). (grifo nosso).

Em **Pazes com os indígenas**, no item V, Cascudo enfatiza a habilidade dos missionários no trato com os índios, e a importância de sua “pacificação” – a quebra da resistência – para a execução do projeto colonial na região:

*Era indispensável a **pacificação** da massa indígena, insubmissa, reatacando sempre, transformando a vida dos brancos num estado permanente de inquietação bravia e áspera. É missão dos jesuítas, dos missionários. Gaspar de Samperes, Francisco Pinto, Francisco de Lemos **fazem milagres de persuasão**, com as forças irresistíveis da **paciência e da tenacidade em Serviço da Fé** (CASCUDO, 1984:26). (grifo nosso).*

Em uma das passagens de *História do Rio Grande do Norte*, Cascudo não apenas nos revela quais foram os autores que consultou para a elaboração do livro, como identifica uma divergência de informações sem, no entanto, posicionar-se sobre as duas visões:

*[...] Não somente a indiada que residia às margens do Rio Potengi, chefiada pelo tuixaua Potiguaçu, o Camarão Grande, mas as aldeias distantes na serra paraibana da Capaoba (Serra da Raiz), com os chefes Mar Grande, o valoroso Pau Seco (Ibiratinin), o mais atacado mentor indígena, foram visitadas e o padre Francisco Pinto (segundo a <<carta>> de Pero Rodrigues, **divulgada pelo Pe. Serafim Leite, S.J.**) ou Gaspar de Samperes (segundo **Frei Vicente do Salvador**) conseguiu perfeita harmonização (CASCUDO, 1984:26). (grifo nosso).*

⁵ Para tanto, nos valeremos da segunda edição da obra, datada de 1984.

A menção explícita a Frei Vicente do Salvador⁶ e a Serafim Leite é confirmada pela presença dos dois historiadores nas referências bibliográficas, tanto do livro quanto do artigo já analisado, e que incluem, também, o livro de Henry Koster⁷, de significativa importância para a trajetória do intelectual potiguar⁸.

Pudemos constatar que, ao tratar da atuação dos missionários no Rio Grande do Norte, Cascudo se aproxima, efetivamente, da posição do historiador jesuíta Serafim Leite, para quem os padres, além de atuarem como “redentores” dos “sem alma”, foram os responsáveis pela consolidação da conquista e pela colonização: “[...] os resultados da catequese jesuítica em Serra do Copaoba foram definitivos para a colonização. Copaoba vale Iperoig para o Rio Grande do Norte”(CASCUDO, 1984:26).

No livro *História do Rio Grande do Norte*, o capítulo IX foi inteiramente dedicado à História da Igreja no Rio Grande do Norte, tema que foi desenvolvido a partir dos seguintes tópicos: (I) – Início histórico. As três Dioceses. (II) Aldeias e Missionários. (III) As Paróquias vivas. (IV) Religiões acatólicas. Nele, encontramos mais evidências da visão que tem o autor sobre a atuação dos missionários jesuítas, apresentando-os como os “responsáveis” mais diretos pelo sucesso da conquista:

Na conquista do Rio Grande do Norte os serviços da assistência religiosa estavam confiados aos jesuítas Gaspar de Samperes e Francisco de Lemos [...] e ficaram os jesuítas Samperes e Lemos na luta da catequese, reunindo-se-lhes o Pe. Francisco Pinto, jesuíta que se popularizou entre a indiada que o chamava de Pai Pinto e o apelidaram “Amanaiara”, senhor da chuva, porque o supunham dispor dos elementos naturais (CASCUDO, 1984:237).

As inúmeras referências que Cascudo faz à Companhia de Jesus não apenas reforçam a visão elogiosa que a historiografia clássica brasileira já havia se encarregado de difundir, como inserem a Ordem e seus missionários na História oficial do Rio Grande do Norte, atribuindo-lhes o papel de “fundadores da civilização nas terras potiguares”: “Os jesuítas

⁶ Frei Vicente, ou Vicente Rodrigues Palha, nasceu em Matuim, Bahia, em 1564. A sua obra *História do Brasil* é de 1627, tendo permanecido inédita até 1888.

⁷ Henry Koster era filho de ingleses; nasceu em Portugal e viveu em Pernambuco durante 16 anos. Sua obra *Viagens ao Nordeste do Brasil* foi publicada em Londres, no ano de 1816, tendo alcançado grande sucesso, o que pode ser constatado nas sucessivas reedições e publicações em outros países. No Brasil foi publicado em 1898. Em razão disso, tornou-se, fonte de consulta e citação obrigatória para todos que escreveram sobre o Brasil, a partir de então. No século XX, a obra ganhou uma especial tradução, feita por Luís da Câmara Cascudo. Além de traduzir, Cascudo prefaciou e acrescentou notas e comentários à edição.

⁸ Cascudo deve ter se utilizado dessas fontes para conferir maior credibilidade às informações que seus livros traziam. Vale lembrar que a operação historiográfica, como afirma Certeau, “é animada por um desejo de verdade, produzindo resultados de verossimilhança e credibilidade através de um discurso que se legitima pela autoridade da fala, pela lógica da argumentação e da retórica e pelas evidências de pesquisa, com as citações, as notas de rodapé, a bibliografia e o arrolamento de fontes, a desafiar o leitor ainda incrédulo a refazer o mesmo caminho percorrido pelo historiador”. PESAVENTO, Sandra J. **Palavras para crer**: imaginários de sentido que falam do passado. Paris: CERMA/EHESS, 2006. História Cultural do Brasil (Dossier coordenado por Sandra Jatahy Pesavento 28.01.06). Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org>>. Acesso em: 25 jan. 2009.

tinham S. Miguel de Guagiru (a futura Estremoz) e S. João Batista de Goaraíras que depois seria a Vila de Arez. [...] Os missionários empregados eram dedicados e tenazes” (CASCUDO, 1984:238).

REFERÊNCIAS

ATA da sessão solene comemorativa do quarto centenário da Fundação da Companhia de Jesus, do dia 27 de setembro de 1940. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, v. 32-37, 1935-1940. p. 178-179.

CASCUDO, Luís da Câmara. As Lendas de Extremôz. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**: 1935-1937, Natal, RN, v. 32-34, p. 87, 1940 (A).

_____. Padre Gaspar de Samperes e outros temas jesuíticos. **A República**, Natal, RN, 20 jul.1940 (B). Acta Diurna.

_____. In: _____. **História da Cidade do Natal**. Natal, RN: Prefeitura Municipal, 1947.

_____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 3. ed. Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1972. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/docs/text/ciclo.html>>. Acesso em: 30 jan. 2009.

_____. **Geografia dos mitos brasileiros**. Brasília: José Olympio, 1976.

_____. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1984.

CHARTIER, Roger. **A História cultural**: entre praticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945. Livro 3, tomo 5.

LIMA, Bruna Rafaela de. **A atuação jesuítica na Capitania do Rio Grande na visão de Augusto Tavares de Lira e Luís da Câmara Cascudo**. 2006. Monografia (Graduação em História) -- Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2006.

MELO, Paulo Herôncio de. Os jesuítas nas primeiras horas da colonização da Capitania. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, v. 50, 1953.

PESAVENTO, Sandra J. **Palavras para crer**: imaginários de sentido que falam do passado. Paris: CERMA/EHESS, 2006. História Cultural do Brasil (Dossiê coordenado por Sandra Jatahy Pesavento 28.01.06). Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org>>. Acesso em: 25 jan. 2009.